



SOCIEDADE

A cada 46 minutos, um estupro acontece

É o que mostra o Atlas da Violência, com base em registros do SUS de 2022 — quando mais de 144 mil mulheres foram atacadas

» VITÓRIA TORRES*

Um estupro ocorreu a cada 46 minutos no país, em 2022. A constatação é do *Atlas da Violência*, publicado ontem pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Com base nos registros do Sistema Único de Saúde (SUS) daquele ano, mais de 144 mil mulheres foram vítimas de algum tipo de violência. As meninas de até 14 anos são as mais vulneráveis e sofrem, proporcionalmente, mais ataques sexuais do que as mulheres adultas.

Esses dados vêm à tona no momento em que tramita em regime de urgência, na Câmara dos Deputados, o Projeto de Lei 1.904/24 — que iguala o aborto com mais de 22 semanas de gravidez ao homicídio e torna a pena da mulher que recorre ao procedimento mais alta do que a do estuprador. O Atlas mostra que a violência sexual foi a principal agressão contra meninas de 10 a 14 anos de idade — correspondeu a 49,6% dos atendimentos registrados no SUS. Entre as meninas de até nove anos, a forma mais frequente de violência foi a negligência ou abandono (37,9% dos casos), seguida pela predação sexual (30,4%).

O estudo detalha que, a partir dos 15 anos e ao longo da vida adulta, a violência física se

torna a mais comum contra a mulher. Entre aquelas comunidades entre 15 e 19 anos, a agressão corporal esteve presente em 35,1% dos casos.

Esse percentual aumenta para 49% entre as mulheres entre 20 a 24 anos, e permanecendo acima dos 40% até os 59 anos. No caso das idosas, a negligência volta a violência mais praticada — afeta 37,5% das mulheres entre 75 e 79 anos e 50,4% das que têm mais de 80 anos.

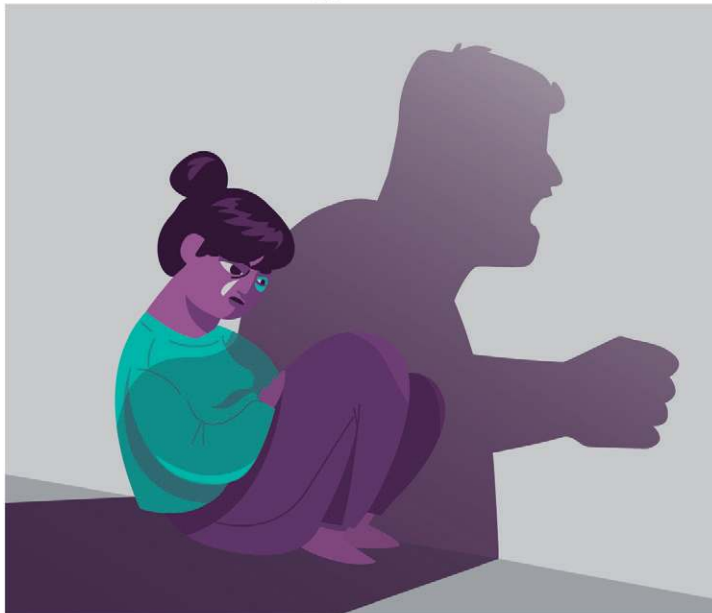
Principais agressores

Em casos de violência doméstica e familiar, os homens são os principais agressores — responsáveis por 86,6% dos ataques. Mas homens e mulheres se igualam quando se trata de violência contra crianças de zero a nove anos. Os números indicaram que crianças e adolescentes estão extremamente vulneráveis a abusos dentro dos próprios lares.

Entre as mulheres de 30 a 35 anos, os homens foram responsáveis por 95,8% das agressões — aproximadamente 80% dos episódios foram dentro das residências das vítimas. A rua foi o segundo local mais frequente, com 6,1% dos casos.

“Se tivéssemos que descrever o que é ser uma mulher no Brasil, poderíamos dizer que na primeira infância a negligência é a forma mais frequente de violência,

Números vergonhosos



TIPOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA MAIS COMUNS (POR FAIXA ETÁRIA)

0 a 9 anos	negligência	37,9%
	sexual	30,4%
10 a 14 anos	sexual	49,6%
15 a 69 anos	física	35,1%
70 a 79 anos	negligência	37,5%
Acima dos 80 anos	negligência	50,4%

Fontes: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública

cujos principais autores são pais e mães, na mesma proporção. A partir dos 10, e até os 14 anos, essas meninas são vitimadas principalmente por formas de violência sexual, com homens que ocupam as funções de pai e padrasto como principais alvos. Dos 15 aos 69 anos, a violência física provocada por pais, padrastos, namorados ou maridos é a forma prevalente entre as mulheres”, descreve o *Atlas da Violência*.

Sintomas

A psicóloga e neuropsicóloga Juliana Gebrim deixa claro que os sinais da violência, inclusive a sexual infantil, são perceptíveis. “Os sinais podem variar entre os indivíduos, mas alguns são muito comuns. Percebemos mudanças bruscas, como regressão a comportamentos infantis, chupar o dedo ou fazer xixi na cama, por exemplo. A criança também começa a evitar lugares associados ao abuso e pode desenvolver fobias inexplicáveis, além de demonstrar um conhecimento sexual inadequado para a idade”, observa.

Segundo Juliana, isso faz com que a criança atacada “pode se tornar extremamente retraída ou, ao contrário, demonstrar agressividade e irritabilidade. Mudanças no desempenho escolar também são frequentes, assim como sintomas de ansiedade e depressão. Em alguns casos, a criança pode

exibir comportamentos autolésivos, como cortar-se ou outras formas de automutilação”.

Para o psicólogo cognitivo-comportamental Artur Gomes, as recentes pesquisas sobre o impacto da violência sexual infantil mostram os efeitos duradouros do abuso no desenvolvimento cerebral. “Estudos mostram que pode levar a problemas de memória e nas respostas emocionais para o restante da vida. Pode resultar em problemas emocionais e comportamentais, como resistência ao tratamento psicológico, ansiedade e depressão que complicam o processo terapêutico, e a dificuldade em confiar nos outros e desenvolver relacionamentos saudáveis”, salienta.

Cristina Castro, CEO do Instituto Glória — que combate a violência contra meninas e mulheres — destaca a importância de se criar uma rede de proteção formada por pessoas próximas e que não tenham medo de intervir quando notarem algo fora do lugar. “Sessenta e oito por cento das violências contra mulheres e meninas acontecem dentro de casa. É muito importante não relacionar o abuso apenas à responsabilidade dos pais notarem, mas, também, a toda a rede de proteção dessa criança. Tios, avós, pessoas do convívio escolar — todas essas pessoas são redes de apoio”, afirmou.

* Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi



ALEXANDRE GARCIA

NÃO É A OPOSIÇÃO QUE MAIS ENFRAQUECE O GOVERNO, É O PRÓPRIO CHEFE DO GOVERNO. LULA É POLÍTICA PURA. A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA PRECISA DE TÉCNICOS

Governo encrencado

O desabafo do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, há poucos dias, em São Paulo, deixou a impressão de despedida. Queixou-se de que o Brasil é encrência e que é um país difícil de administrar. Depois disso, parece uma catarse: “Às vezes, quem está em uma posição de poder não está fazendo a coisa certa pelo país. Isso é a coisa mais triste da vida pública: quem pode fazer a diferença nem sempre está pensando no interesse público. E devia estar, né? Porque está em posição de poder, porque é grande empresário

ou político com mandato.”

A quem estaria o ministro se referindo? Foi num evento do Instituto Conhecimento Libertado. Significativo: parece estar se libertando. Enquanto isso, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, mais uma vez, aplicava o mau exemplo de Pilatos. Referindo-se à “medida provisória do fim do mundo”, que lhe foi devolvida, lavou as mãos: “A bola está nas mãos do Senado, e na mão (sic) dos empresários. O Haddad tentou, não aceitaram. Agora, encontrem uma solução”.

O presidente não pode esquecer que ele é o chefe do Executivo, responsável, portanto, pelo equilíbrio fiscal. Aliás, quem deu o chute inicial nessa bola foi ele mesmo, ao quase dobrar o número de ministérios, aumentando o custo do governo e, até agora, não praticou cortes no Estado gordo, pesado e lento. A solução que tem aparecido é tributar.

Críticas

Com isso, recebeu críticas de um importante contribuinte de

campanha, o empresário Rubens Ometto. O presidente da Confederação da Agricultura, João Martins, convidado, respondeu que não quer mais falar com Lula. E o presidente da Federsul (Federação das Entidades Empresariais do Rio Grande do Sul), Rodrigo Souza Costa, anunciou que agora vai elevar o tom porque “um presidente sindicalista não está preocupado com o emprego no Rio Grande do Sul atingido”. Queixou-se da morosidade, inércia e pouco efetividade do governo federal, que recebe mais impostos do estado em relação ao que retribui em serviços e apoio — e ainda tem um ministro lá só para cuidar dos assuntos do Rio Grande.

O investimento estrangeiro em bolsa também demonstra desaprovação. Neste ano, foram retirados R\$ 45 bilhões em investimento estrangeiro da B3. Segundo fonte do J.P. Morgan, por estar o governo demonstrando dificuldades em cumprir as metas fiscais.

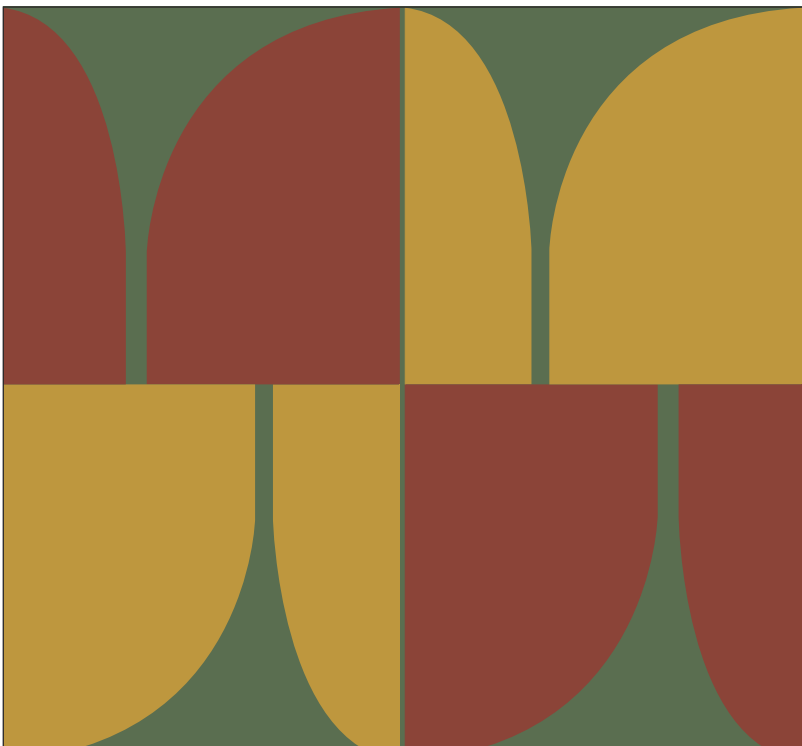
Sucessivas medidas provisórias têm fracassado e, ainda assim, o presidente baixou mais uma que já dá o que falar. A MP beneficia os irmãos Batista, Joesley e Wesley, e saiu poucos dias depois que eles estiveram no Palácio.

A da desastrosa importação de um milhão de toneladas de arroz ainda está vigente — o fiasco não surtiu

arrependimento. Não é a oposição que mais enfraquece o governo, é o próprio chefe do governo. Lula é política pura. A administração pública precisa de técnicos, especialistas em cada assunto, e não apenas intuição.

Mas a intuição parece cansada, ou desatualizada, passada no tempo. As lideranças do governo e seus seguidores notam isso. O líder do governo na Câmara, deputado José Guimarães (PT-CE), queixou-se da falta de comando. Tem vindo à tona queixas entre ministros e de parlamentares aliados. O problema é que isso prejudica o país inteiro.

Não é o país que é encrência, é o governo que está encrencado.



NOVIDADE NO GUARÁ II

2 e 3 Qtos com até 100 m²

AGUARDE!